

mahmud
darwich
memória
para o
esqueci-
mento

tradução do árabe
Safa Jubran

Tabla

Prefácio

“Você deveria ler os textos dele em prosa, são tão belos quanto os poemas... talvez mais.” Foi isso que me disse o escritor e jornalista palestino Nafiz Abu Hasna quando lhe contei que o primeiro título de Mahmud Darwich a ser lançado pela recém-nascida Editora Tabla seria *Da presença da ausência*. Nafiz pegou rapidamente seu lápis amarelo, destacou uma folhinha da caderneta que estava na mesa e começou a anotar os títulos que julgava importantes — e o porquê — de serem traduzidos ao português.

Mais tarde, olhando aquele papel, o livro *Dhakira lil-Nisyan* chamou a minha atenção; fiquei seduzida pela poesia que pairava sobre o título, e intrigada com a ambiguidade que carregava, estando aberto a múltiplas possibilidades de interpretação. Inteirada da temática da obra, decidi traduzi-la. Voltei a falar com Nafiz, amante e conhecedor da obra de Darwich, sobre a minha escolha e o que

ele disse foi: “Esse é o texto em prosa mais maduro do nosso poeta”.

Este texto apareceu pela primeira vez em 1986 numa edição especial que trazia os volumes 21 e 22 da revista *Alkarmel* — da qual Darwich era editor chefe —, sob o título: *Tempo: Beirute. Lugar: um dia de agosto de 1982*. Em 1987, o texto virou livro e foi publicado no Marrocos, pela Dar Toubkal, com o título *Dhakira lil-Nisyan (Memória para o esquecimento)*.

Essa “memória” é o relato de um único longo dia. Darwich captura, em um estilo simples, mas ao mesmo tempo profundo e altamente poético, os detalhes do cotidiano sob o cerco israelense a Beirute. É bem conhecida a passagem onde o poeta descreve sua amarga luta para se deslocar, sob intenso bombardeio, da sala até a cozinha, a fim de preparar uma xícara de café, atividade corriqueira, mas que, nas palavras de Darwich, é transformada em um ritual humano único e excepcional naquele dia de agosto de 1982. Beirute, que fora invadida pelo exército israelense em junho daquele ano, estava sob intenso bombardeio. A invasão tinha como objetivo principal derrotar a resistência palestina instalada no local e obrigar seus líderes, e principais vozes, a deixarem a cidade e se dispersarem em outros e múltiplos exílios.

Em dezembro de 1982 eu cheguei ao Brasil, tendo vivenciado o início da invasão e apenas escutado falar do “cerco a Beirute”, já que a região onde eu morava estava separada do resto do Líbano. Marjeyoun, minha cidade natal, localizava-se dentro da “faixa de segurança” — criada,

definida e assim denominada por Israel —, e estava sob controle de um dissidente do exército libanês desde 1978. Naquele tempo, aos dezenove anos, eu não tinha consciência das dimensões dos acontecimentos.

Décadas depois, conheci este texto de Darwich e tomei ciência de sua importância tanto para a literatura árabe como para a história. São escritos que combinam testemunho, memórias, autobiografia, crítica literária e jornalismo. Recuperam textos bíblicos, crônicas medievais, mitos e têm a intertextualidade como pilar de sua composição. Vários textos tecidos num único texto, alinhavados pela poesia, que, além de refletir e meditar sobre aquela invasão e suas dimensões política e histórica, é uma jornada na memória pessoal e coletiva, fazendo emergir diversas questões, entre elas: o significado do exílio; o papel do escritor e do poeta em tempos de guerra; e a relação da escrita — que registra uma memória — com a história — que tenta relegar essa memória ao esquecimento.

No registro desta memória, Darwich revela plena consciência do evento trágico e por isso o coloca em destaque, deixando que todo o resto gire em torno dele, inclusive os participantes, companheiros daquele dia fatídico de agosto de 1982, referidos por Darwich apenas pela primeira letra do nome — talvez para valorizar o evento em detrimento dos coadjuvantes, ou quem sabe para preservar suas identidades, evitando que fossem perseguidos ou assassinados. Para esta tradução pesquisei essas identidades e incluí em notas aquelas que foram possíveis de serem identificadas.

É preciso ainda destacar que essa memória, embora com um significado coletivo, não deixa de ser particular, está

embebida de personalidade e é incandescente, recusando-se a esquecer. Por isso, o poeta se descreve e se relata dentro de Beirute, nas suas ruas e diante de seu mar. Afinal, “sem a memória não existe uma relação verdadeira com o lugar”.

Para além das múltiplas interpretações do título, para além de todos os temas, textos e contextos, pessoas, eventos, paixões, relações passageiras, presenças de ausências, para além da precisão com que Darwich detalhou seu lembrar, para além de todos os símbolos, um destaque se faz necessário: o “mar”, símbolo do desconhecido sombrio, que se tornou, nesta *mémoire*, uma metáfora histórica do deslocamento e do exílio, no sentido individual e coletivo. O poeta desabafa: “Eu não gosto do mar. Eu não quero o mar, porque não vejo uma praia nem uma pomba. Não vejo no mar senão o mar”.

Outro destaque que se impõe nesta memória pessoal e coletiva refere-se ao tempo presente em que ela começa e termina (ou não!): o mês de agosto, “mês vil, desprezível, agressivo, ressentido e traiçoeiro. Agosto, capaz de fornecer ao símbolo todos os cadáveres de que precisa (...). Agosto, mês sujo, enfadoso, árido e assassino; adepto a finais de longos começos, finais que não começam nem terminam. (...) Agosto é capaz de provocar até mesmo o mar...” Pois é, agosto provocou o mar outra vez, explodindo-o, em 2020, no rosto de Beirute — “pequena ilha da alma”. O mesmo agosto que, em 2008, *ya mawlana* Darwich, registrou tua ausência, eternamente presente.

Safa Jubran

São Paulo, agosto de 2021

Memória para o esquecimento

- De um sonho nasce outro sonho:
- Você está bem? Quero dizer: está vivo?
 - Como soube que eu estava, neste momento, colocando minha cabeça sobre seus joelhos para dormir?
 - Porque você me acordou quando se mexeu na minha barriga. Soube então que eu era seu caixão. Você está vivo? Está me ouvindo bem?
 - Acontece muito de eu ser despertado de um sonho por outro sonho que é a interpretação do primeiro sonho?
 - Está acontecendo conosco? Você está vivo?
 - Quase.
 - Os demônios o enfeitiçaram?
 - Não sei, mas há, no tempo, muito espaço para a morte.
 - Não morra completamente.
 - Tentarei.
 - Não morra nunca.

— Tentarei.

— Diga-me, quando aconteceu? Quero dizer, quando nos conhecemos? Quando nos separamos?

— Há treze anos.

— Nos encontramos muitas vezes?

— Duas vezes: uma, na chuva; outra, na chuva. Na terceira vez, não nos encontramos. Eu viajei e me esqueci de você. Há pouco lembrei que tinha me esquecido de você. Eu estava sonhando.

— O mesmo aconteceu comigo. Eu também estava sonhando. Eu consegui seu número de telefone com uma amiga sueca que o conheceu em Beirute. Eu desejo a você uma boa noite! Não se esqueça de não morrer. Eu ainda o quero. E quando voltar à vida, quero que me ligue. Como o tempo voa! Treze anos! Não. Tudo aconteceu essa noite. Boa noite...

Três horas. Um amanhecer montado no fogo. Um pesadelo vindo do mar. Galos de metal. Fumaça. Ferro preparando um banquete para o Ferro-Mestre e uma alvorada que irrompe em todos os sentidos antes de romper. Um rugido me expulsa da cama e me joga neste corredor estreito. Nada quero e nada desejo. Não consigo ordenar meus membros neste tumulto. Não há tempo para a cautela, nem tempo para o tempo. Se eu soubesse... se eu soubesse como organizar o acúmulo desta morte derramada. Se ao menos eu soubesse como libertar o grito contido num corpo que não é mais meu corpo, de tanto esforço despendido para se salvar da perseguição do caos ininterrupto das bombas. “Chega”, sussurro apenas para verificar se ainda consigo

fazer alguma coisa que me guie e aponte para o abismo aberto em seis direções. Não posso me render a tal destino. E não posso resistir a ele. Um ferro late; outro, para ele, uiva. A febre do metal é o cântico deste amanhecer. Que esse inferno faça uma pausa de cinco minutos... depois, seja o que for! Apenas cinco minutos! Eu quase digo: “Cinco minutos apenas. Para que eu possa preparar minha única ferramenta e, em seguida, organizar minha morte ou minha vida”. Mas será que cinco minutos são suficientes? Sim, bastam para eu me esgueirar por este corredor estreito que dá para o quarto de dormir, que dá para o escritório, que dá para o banheiro sem água, que dá para a cozinha, onde estou tentando chegar faz uma hora, mas não consigo, nunca consigo.

Duas horas atrás eu fui dormir. Tapei meus ouvidos com algodão e adormeci, depois de ouvir o último noticiário, o qual não informou sobre minha morte. Portanto, ainda estou vivo. Examinei as partes do meu corpo e estavam todas ali: dez dedos embaixo, dez em cima, dois olhos, duas orelhas, um nariz comprido, um dedo no meio. Quanto ao coração, ele não pode ser visto e eu não encontro nada que ateste sua existência, exceto minha formidável capacidade de contar meus membros e a arma que descansa numa das prateleiras da estante: um revólver elegante, limpo, brilhoso, pequeno e sem balas. Há dois anos, ganhei-o de presente junto com uma caixa de munição que não sei onde escondi temendo uma loucura, uma explosão de raiva irrefletida ou até mesmo uma bala perdida. Conclusão: estou vivo, ou, para ser mais preciso, existo.

Ninguém escuta a súplica carregada pela fumaça: necessito de cinco minutos para colocar este amanhecer, ou

a parte que dele me cabe, de pé e me preparar para adentrar este dia nascido de lamúrias. Estamos em agosto? Sim, estamos em agosto. A guerra virou cerco. Procuo no rádio, transformado em terceira mão, o que estaria acontecendo agora, mas nenhum testemunho, nenhuma notícia. O rádio, ao que parece, está dormindo.

Não me pergunto mais quando o uivo do mar de aço vai parar. Eu moro no oitavo andar, em um edifício que pode ser uma tentação para qualquer atirador, imagine então para uma frota que transforma o mar em uma das fontes do inferno! A face norte do prédio oferecia aos moradores uma visão agradável do telhado enrugado do mar. Agora, a fachada de vidro do apartamento se transformou em morte nua. Por que escolhi morar aqui? Que pergunta estúpida! Faz dez anos que vivo neste prédio sem me queixar do escândalo do vidro.

Mas como chegar à cozinha?

Eu quero o aroma do café. Nada além do aroma do café. De cada dia, não quero nada além do aroma do café para me manter unido, me erguer, passar de algo que ras-teja a um ser ereto, colocar de pé o que me cabe deste amanhecer, para que possamos sair à rua, este dia e eu, à procura de outro lugar.

Como posso lavar o aroma do café em minhas células, enquanto as bombas avançam pela fachada da cozinha que fica de frente para o mar, espalhando o cheiro de pólvora e o gosto do nada? Começo a medir o tempo entre duas bombas. Um segundo. Um segundo é mais breve que o tempo entre inspirar e expirar, entre dois batimentos cardíacos. Um segundo não é tempo suficiente para eu me

colocar diante do fogão, perto da fachada de vidro com vista para o mar. Um segundo não é suficiente para eu abrir a garrafa de água e despejar seu conteúdo no bule. Um segundo não é tempo suficiente para acender um fósforo, mas é suficiente para eu me queimar.

Desliguei o rádio, não pensei mais se a parede deste corredor estreito me protegeria realmente da chuva de mísseis. O que importa é que haja uma parede que impeça o ar fundido em metal de alcançar diretamente a carne humana, ou de chegar sufocando ou espalhando estilhaços. Assim, uma simples cortina escura ofereceria um escudo imaginário de segurança, pois a morte é você ver a morte.

Eu quero sentir o aroma do café durante cinco minutos. Uma trégua de cinco minutos em nome do café. Não tenho mais nenhum desejo pessoal além de preparar uma xícara de café. Com essa obsessão, defini minha missão e meu objetivo. Todos os sentidos reunidos em uma só súplica, sedentos, alongam-se em direção ao seu único fim: o café.

E o café, para quem como eu nele se viciou, é a chave do dia.

E o café, para quem como eu o conhece, significa fazê-lo com as próprias mãos, e não recebê-lo numa bandeja, pois quem traz a bandeja traz junto a conversa, e a primeira xícara de café, a virgem da manhã silenciosa, é arruinada pela conversa. O amanhecer, o meu amanhecer, é avesso à fala. O aroma do café pode absorver sons — mesmo um animado e gentil “Bom dia!” — e rançar.

Por isso, o café é este silêncio matinal, adiantado, circunspecto; o único silêncio em que você pode ficar de pé, sozinho, com um pouco de água que você mesmo es-

colhe, estando em paz consigo mesmo e com as coisas numa solidão preguiçosa, e derrama num pequeno bule de cobre de brilho misterioso, entre o dourado e o marrom, que você leva ao fogo baixo. Ah, se fosse na brasa!

Afastese do fogo baixo um pouco para dar uma olhadela na rua que desperta e vai em busca do pão, desde que o símio se complicou e desceu da árvore para caminhar sobre dois pés. Uma rua com seus carrinhos carregados de legumes, frutas e os gritos de vendedores, caracterizados por fracos elogios que transformam o produto em mero atributo do preço. Respire o ar vindo da noite fria. Então retorne ao fogo baixo — ah, se fosse na brasa! — e assista com afeto e vagareza ao contato entre os dois elementos: o fogo que se pinta de verde e azul e a água que se enrugam e respira minúsculos grânulos brancos, formando uma pele macia, lentamente se expandindo em bolhas que crescem cada vez mais rápido até estourar, já sedentas por duas colheres de açúcar cristal, e que após a rápida penetração e um leve assobio serenam para depois crescer em gritos circulares clamando por outra substância que nada mais é do que o pó do café — um galo gritante de aroma e de masculinidade oriental.

Retire o bule do fogo baixo para que o diálogo da mão, livre do cheiro de tabaco e da tinta, prossiga com sua criatividade primeira em direção ao engenho inicial que, a partir deste instante, determinará o sabor do seu dia e o arco da sua sorte: se você deve trabalhar ou evitar o contato com qualquer pessoa. Emergirá deste primeiro movimento, do seu ritmo, aquilo que agita o mundo que desperta do sono da noite passada e revela os mistérios que formarão a identidade do novo dia.

Porque o café, a primeira xícara de café é o espelho da mão. E a mão que faz o café revela o espírito de quem o mexe. Assim, o café é a leitura pública do livro aberto da alma. Ele é a vidente que revela os segredos que o dia carregará.

O amanhecer plúmbeo segue avançando a partir do mar, carregado de sons que eu nunca ouvi. O mar inteiro é embalado por bombas perdidas, mudando sua natureza marítima e se metalizando. A morte tem todos esses nomes? Dissemos que iríamos embora. Por que então essa chuva rubro-negro-cinza continua a se derramar sobre o que fica e o que vai, sejam pessoas, árvores ou pedras?

- Sairemos — dissemos.
- Pelo mar — disseram.
- Pelo mar — concordamos.

Por que então eles estão armando a espuma e as ondas com esta artilharia pesada? Para apressar nossos passos em direção ao mar? Primeiro eles precisam acabar com o cerco do mar. Liberar o último caminho para o último fio do nosso sangue. Mas já que é assim, nós não vamos embora e eu vou preparar o café...

Os pássaros da vizinhança despertaram às seis da manhã. Eles mantêm a tradição do canto neutro desde que se viram a sós com a primeira claridade. Para quem eles cantam nesse tráfego de foguetes? Cantam para se curar da noite ida. Cantam para si mesmos, não para nós. Como não percebemos isso antes? Os pássaros abriram seu espaço particular em meio à fumaça da cidade em chamas com suas sinuosas flechas de som contornando as bom-

bas, indicando uma terra segura no céu. O matador mata, o combatente combate e o pássaro gorjeia. Quanto a mim, encerro a busca por linguagem figurativa. Paro completamente minha procura por interpretação, pois a essência da guerra é degradar os símbolos e levar as relações humanas, o espaço, o tempo e os elementos de volta a um estado primordial, que faz com que a visão da água jorrando de um cano quebrado na rua nos deixe felizes, porque aqui a água chega até nós feito um milagre.

Quem disse que a água não tem cor, nem sabor, nem odor? A água tem uma cor que se revela no desdobramento da sede. A água tem a cor dos sons dos pássaros, dos pardais em particular, que não se importam com a guerra que vem do mar, desde que seu espaço esteja seguro. E a água tem sabor de água e odor de brisa da tardezinha soprando de um trigal de espigas fartas que acenam num campo extenso, como os pontos cintilantes de luz deixados pelas asas de um pequeno pardal voando baixinho. Nem tudo que voa é avião (talvez uma das piores palavras árabes seja *tá'ira* [avião] que é a forma feminina de *tá'ir* [ave]). As aves seguem cantando insistentes em meio ao rugido da artilharia naval. Quem disse que a água não tem sabor, nem cor, nem odor? E quem disse que esta *tá'ira* é a forma feminina deste *tá'ir*?

Repentinamente, os pássaros se aquietam. Param suas tertúlias e o rotineiro adejo no ar do amanhecer quando começa a soprar a tempestade do metal voador. Teriam ficado quietos em razão daquele rugido de aço ou por conta de uma incongruência entre o nome e a forma? Duas asas de aço e prata contra duas asas de penas. Um bico de ferro e de força contra um bico de música. Uma carga

de foguetes contra um grão de trigo e uma palha. Os pássaros param de cantar e prestam atenção à guerra porque o chão do seu céu não está mais seguro...

O céu desce, despenca como uma laje de concreto. O mar se transforma em terra firme e se aproxima. Céu e mar são agora uma única substância, dificultando minha respiração. Ligo o rádio para me informar sobre o céu. Nada. O tempo congelou. Assentou-se sobre mim querendo me sufocar. Os aviões passam entre meus dedos, perfuram meus pulmões. Como posso alcançar o aroma do café? Vou morrer seco sem o aroma do café? Eu não quero. Eu não quero.

Onde está minha vontade?

Ela estava lá, parada, do outro lado da rua, no dia em que gritamos contra a “lenda” que avançava sobre nós a partir do sul. No dia em que a carne humana cerrou os músculos do espírito e gritou: “Não passarão! Nós não sairemos!”. A carne se chocou com o metal, superou a difícil aritmética e fez os invasores pararem na cerca. Haverá tempo para enterrar os mortos. Haverá tempo para armas. E haverá tempo para que o tempo passe conforme desejamos, para que este heroísmo possa continuar, porque, agora, nós somos os donos do tempo...

O pão brotava do solo e a água jorrava das rochas. Seus foguetes cavavam poços de água para nós, e a língua da sua matança nos tentava a cantar: “Não sairemos!”. Assistíamos, nas telas dos outros, ao nosso rosto fervendo com a grande promessa e rompendo o cerco com sinais inabaláveis de vitória. De agora em diante, não teremos nada a perder, enquanto Beirute estiver aqui e enquanto estivermos em Beirute. No meio deste mar, no portal deste

deserto, seremos nomes de uma pátria diferente, onde os vocábulos encontrarão novamente seus significados. Aqui, onde estamos, é a tenda para os significados errantes das palavras perdidas e da dispersa luz órfã, banida do centro.

Mas eles percebem, esses jovens armados até os dentes de uma ignorância criativa do equilíbrio de forças e de refrões de canções antigas, de granadas de mão e garrafas de cerveja inflamadas, da sofreguidão das meninas nos abrigos e de pedaços de identidades rasgadas, de um desejo claro de se vingar de pais prudentes, da loucura de libertar a ideia da senilidade e do que eles desconhecem dos exercícios da morte ativa... Será? Será que eles sabem que, com suas feridas e sua imprudência inventiva, corrigem a tinta da língua que, desde o cerco de Acre, na Idade Média, até o cerco atual de Beirute — cujo objetivo é vingar toda a história —, tem impulsionado toda a região a leste do Mediterrâneo em direção a um Ocidente que da escravidão nada quer senão torná-la mais fácil?¹

Será que sabiam que quando trataram de cercar o cerco estavam substituindo a lenda, resgatando a realidade do extraordinário para o ordinário, revelando ao equivocado profeta da perdição os segredos de um heroísmo tecido pelo movimento do óbvio para o óbvio? Como se um homem devesse ser testado em sua masculinidade; e uma mulher, em sua feminilidade. Como se a dignidade pudesse escolher entre autodefesa e suicídio. Como se o cavaleiro não aceitasse a exigência do seu valor pessoal, moral e fí-

¹ Referência aos jovens palestinos nascidos nos campos de refugiados do Líbano e à sua heróica participação na resistência à invasão israelense. (Todas as notas são da tradutora, exceto a nota 30)

sico com o retorno aos tempos do cavalheirismo oficial, e, sozinho, abrisse este espaço insolente e limpasse o caminho para o mistério da motivação. Como se um punhado de seres humanos se rebelasse contra a ordem das coisas, de modo que este povo, nascido do temperamento do fogo teimoso, não se tornasse igual ao rebanho de ovelhas que, através da cerca da cumplicidade, é conduzido pelos pastores da opressão em conluio com o guardião da lenda.²

Eles não passarão sobre nossas vidas. Que passem, então, caso consigam, sobre os cadáveres que o espírito venha a expelir.

Onde está minha vontade, então?

Parou ali, na outra calçada da voz coletiva. Mas agora eu não quero nada além do aroma do café. Sinto vergonha, vergonha do meu medo diante dos que estão defendendo o aroma da pátria distante: o aroma que eles nunca sentiram porque não nasceram nela, mas nasceram dela e longe dela. No entanto, eles a aprenderam sem interrupção, sem fadiga nem tédio; aprenderam-na de uma avassaladora memória e constante perseguição:

- Vocês não são daqui — disseram-lhes lá.
- Vocês não são daqui — disseram-lhes aqui.³

2 A “lenda”, ao longo do texto, é uma referência ao exército israelense; “profeta da perdição” é provavelmente uma alusão ao então ministro da Defesa israelense, Ariel Sharon, que ordenou a invasão do Líbano em 1982; os “pastores da opressão” são os líderes árabes; e o “guardião da lenda” é Menahem Begin, o primeiro-ministro israelense na época. Este último será mencionado várias vezes mais adiante, principalmente quando Darwich alude à sua atuação no massacre de mais de 250 habitantes da aldeia árabe de Deir-Yassin, ocorrido em 9 de abril de 1948, pelas mãos de grupos paramilitares israelenses.

3 Uso recorrente, o “aqui” se refere a Beirute e o “lá”, à Palestina.

Entre *aqui* e *lá*, esticaram seus corpos, arcos vibrantes, até que a morte tomasse neles a forma de celebração. Seus pais foram expulsos de *lá* para se tornarem hóspedes *aqui*, visitantes temporários, para deixarem os campos de batalha da pátria limpos de civis e para permitirem que os exércitos regulares expurgassem os territórios árabes e sua honra da vergonha e da desgraça.

*Irmão, os opressores ousaram ultrapassar todos os limites.
Temos direito, então, de lutar e nos sacrificar.
De súbito, qual morte, contra eles nos lançamos.
Em vão lutaram e nada se tornaram.*⁴

E à medida que canções antigas como essa perseguiram os invasores remanescentes e seguiam libertando o território linha por linha, esses jovens nasciam *aqui*, de qualquer jeito, sem um berço, sobre uma esteira de palha, em folhas de bananeira ou cestos de bambu, sem alegria nem festejo, sem certidão de nascimento ou registro de nome. Eram um fardo para os pais e para os vizinhos de tenda. Em suma: eram nascimentos excedentes, não tinham identidade.

No final, deu no que deu. Os exércitos regulares recuaram e esses jovens continuaram nascendo sem razão, crescendo sem razão, recordando sem razão e sitiados sem razão. Todos eles conhecem essa história — uma história muito parecida com a de um acidente de trânsito cósmico ou

4 Trata-se de uma canção que ficou famosa na voz de Muhammad Abdul-Wahab. São versos de uma *qasida* (forma clássica do poema árabe) escrita pelo poeta egípcio Ali Mahmud Taha.

de uma catástrofe natural —, leram muito nos livros de seus corpos e de suas tendas. Leram sua segregação e o discurso árabe-nacionalista. Leram as publicações da Agência de Assistência⁵ e os chicotes da polícia. No entanto, foram crescendo para além dos limites do campo de refugiados e dos centros de detenção. Leram também a história das fortalezas e cidadelas usadas pelos invasores como assinaturas para manter seus nomes vivos em terras que não lhes pertenciam e para adulterar a identidade das pedras e das laranjas, por exemplo. A história não é subornável? Por que, então, muitos lugares — lagos, montanhas, cidades — carregam, ainda hoje, nomes de líderes militares ou a primeira impressão expressada por eles? “*Oh, rid!* [Que lindo!]” Foi isso que um general romano gritou quando viu pela primeira vez aquele lago na Macedônia. Sua surpresa deu nome ao lago. Usamos centenas de nomes para nos referirmos a determinadas localidades, apontadas um dia por algum conquistador, o que torna difícil desatrelar a identidade do lugar de sua derrota. Fortalezas e cidadelas que nada são além de meras tentativas de proteger um nome que não confiou no tempo para preservá-lo do esquecimento. Guerras antiesquecimento; pedras antiesquecimento. Ninguém quer esquecer; mais precisamente, ninguém quer ser esquecido e, assim, de forma pacífica, as pessoas têm filhos para carregarem seu nome, ou para confiarem a eles o peso do nome e da sua glória. É um longo histórico de um processo de busca por assinar o tempo e

5 Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina, mais conhecida pela sigla, em inglês, UNRWA.

o lugar, e por desatar o nó do nome, enfrentando as longas caravanas do esquecimento...

Por que aqueles lançados pelas ondas do esquecimento no litoral de Beirute deveriam fugir à regra da natureza humana? Por que esperar deles tanto esquecimento? E quem será capaz de moldar para eles uma memória nova, cujo conteúdo não seja apenas a sombra partida de uma vida distante num barraco de zinco barulhento?

Há esquecimento suficiente para eles esquecerem?

E quem, em meio a esta humilhação que insiste em lembrá-los da sua alienação tanto do lugar como da sociedade, vai ajudá-los a esquecer? Quem os aceitará como cidadãos? Quem os protegerá contra os chicotes da perseguição e da discriminação: “Vocês não são daqui!”.

Nas fronteiras, eles apresentam uma identidade que soa como um alarme de doenças contagiosas, que devem ser mantidas sob controle, ao mesmo tempo que observam quão habilmente essa mesma identidade é usada para elevar o espírito nacionalista. Esses esquecidos, expulsos do tecido social, banidos e privados do trabalho e da igualdade de direitos são, ao mesmo tempo, aqueles de quem se espera aplausos para a própria opressão sofrida porque lhes proporciona as bênçãos da memória. Assim, aquele de quem se espera que se esqueça de sua condição humana é forçado a aceitar a sua exclusão dos direitos humanos como um exercício de libertação do mal do esquecimento da pátria. Ele deve contrair tuberculose para não esquecer que possui pulmões. Deve dormir em campo aberto para não esquecer que há outro céu. Deve trabalhar como empregado para não esquecer que possui um dever nacional.